

MELHOR REVITALIZAÇÃO LX FACTORY

ENQUANTO A CÂMARA NÃO DEFINE O FUTURO DA ZONA, A EMPRESA IMOBILIÁRIA QUE COMPROU O TERRENO FAZ DELE O PÓLO CRIATIVO MAIS INESPERADO DA DÉCADA EM LISBOA.



2º LUGAR
CONVENTO DAS
BERNARDAS
3º LUGAR
QUINTADAS
CONCHAS

CONCEIÇÃO SANTOS

“Achámos que em vez de esperar por uma solução da Câmara Municipal, era melhor valorizar o espaço e devolvê-lo à cidade”, disse à Time Out a arquitecta Filipa Baptista, da imobiliária portuguesa Mainside – proprietária do terreno e responsável pela gestão da Lx Factory. Dizemos revitalização, em vez de recuperação, porque de facto o que se passa desde 2007 nestes velhos barracões e armazéns é um caso sério de vida nova, sem necessidade de grandes obras – apesar de haver mão dos arquitectos Ana Duarte Pinto e João Manuel Alves, entre outros.

A Lx Factory é uma cidade criativa. Fica em Alcântara, nos 23 mil metros quadrados que em tempos pertenceram à fábrica da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense e à gráfica Mirandela (que ainda ali funciona, num espaço mais reduzido).

A Mainside deu o mote e aos poucos foram aparecendo pessoas e empresas criativas: actores,

bailarinos, coreógrafos, *designers*, fotógrafos, publicitários. Hoje há um restaurante (Cantina Lx), uma livraria (Ler Devagar), uma galeria de arte (Arthobler), um *showroom* de peças de *design* (Paris-Sete), uma loja de roupa (India That Wears You), uma agência de publicidade (RV Comunicação), uma produtora de dança contemporânea (O Rumo do Fumo). Mais de cem empresas estão ali estabelecidas, adianta Filipa Baptista. Eram 30 há um ano e meio. Pagam seis a 12 euros por metro quadrado.

Ninguém sabe muito bem até onde isto pode ir. Os contratos de utilização (não de arrendamento) são feitos a cinco anos. O destino que a Câmara vai dar à zona é uma incógnita. O estudo Alcântara XX, elaborado em 2004 pelos arquitectos Aires Mateus e Frederico Valsassina, estabelece directrizes gerais para a recuperação, mas falta aprovar um plano de pormenor.

Uma coisa é certa: a Lx Factory assume-se hoje como um dos mais vigorosos exemplos daquilo

que a chamada sociedade civil pode fazer sem esperar pelos poderes públicos. E Filipa Baptista sossega quem pense que o objectivo da Mainside é apenas o de valorizar comercialmente a zona, para a vender a bom preço no futuro: “A intenção nunca foi essa, não queremos ser milionários à custa da reabilitação”, garante.

A provar que os lisboetas se interessam genuinamente pelo conceito, está a iniciativa semestral Open Day, que já teve três edições. Um dia de portas abertas, de manhã até de madrugada, com um programa cultural de *workshops*, exposições, aulas abertas, filmes, pequenas feiras – da responsabilidade das empresas ali instaladas. Já na próxima semana, de 4 a 6 de Dezembro, realiza-se a feira alternativa Mundo Mix.

Bruno Horta

CONTRIBUÍRAM PARA ESTA VOTAÇÃO: ANTÓNIO ANDRADE (ENG. CIVIL), CLARA FERREIRA ALVES, FERNANDO JORGE (BLOGUE CIDADANIA LX), JOANA VASCONCELOS (ARTISTA PLÁSTICA), JOÃO SOARES, MARGARIDA DO Ó (ARQPAIS, ARQUITECTURA PAISAGISTA), MIGUEL ABECASIS E STEVEN EVANS (MASEA ARQUITECTOS), RICARDO CARVALHO (ARQUITECTO) E A EQUIPA DA TIME OUT.